

MONUMENTALIDADE, VISIBILIDADE E PERSISTÊNCIA: O CARÁTER DA MORTE NO LITORAL LESTE DA GUAYANA PRÉ-COLONIAL

JOÃO DARCY DE MOURA SALDANHA

RESUMO

O presente artigo busca, por meio da descrição das estruturas funerárias em uma região específica da Amazônia, a costa leste da Guiana, apresentar algumas práticas relacionadas à morte registradas nos sítios arqueológicos. Tais práticas podem ser encaradas como índice de transformações sociais que os povos ameríndios amazônicos experimentaram no período, fornecendo um caráter histórico para o entendimento dos conceitos de morte e ontologias relacionadas. Aqui vamos oferecer uma visão de longa duração das estruturas relacionadas à morte, desde meados do milênio anterior à era cristã (1500-1000 anos a.C.), quando a regra geral parece ser o uso de poços simples com inumações únicas acompanhadas por raros e escassos acompanhamentos, até o segundo milênio d.C., em que a manufatura de cerâmicas altamente elaboradas está associada a monumentos de terra, pedra ou madeira. As dimensões sociais e rituais dessas evidências arqueológicas serão analisadas no contexto de transformações pelas quais esta região da Amazônia passou desde o início do Formativo até o contato com os europeus.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia da Amazônia, Arqueologia da Morte, Estruturas Rituais, Mudanças Culturais

MONUMENTALITY, VISIBILITY AND PERSISTENCE: THE CHARACTER OF DEATH IN PRE-COLONIAL EASTERN GUAYANA COAST

ABSTRACT

Through the description of funerary structures from a specific region of the Amazon, the eastern coast of Guayana, this article presents some of the practices related to death recorded in archaeological sites. Such practices can be considered as index of social transformations that the Amerindian Amazonian peoples experienced in the period, providing a historical character for the understanding of the concepts of death and related ontologies. Here we want to offer a long-term perspective of features related to death, dated from the mid-millennium before the Christian era (1500-1000 BC), where the general rule seems to be the use of single pits with single burials accompanied by rare and scanty grave goods, until the second millennium AD, when highly elaborated ceramics is associated with earth, stone or wood monuments. The social and ritual dimensions of these archaeological findings will be analyzed in the context of transformations that this region of the Amazon experienced from the beginning of the Formative Period until the contact with the Europeans.

KEYWORDS

Amazonian Archaeology; Archaeology of Death; Ritual Structures; Cultural Change

SOBRE OS AUTORES

JOÃO DARCY DE MOURA SALDANHA

Doutor pelo Programa de Pós Graduação em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. É graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestrado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Contribuiu para a fundação do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), onde atuou como arqueólogo coordenando pesquisas acadêmicas e por contrato. Atualmente é colaborador do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (ARQUEOTROP) do MAE-USP e professor voluntário no curso de Antropologia e Arqueologia da UFMG.

SUBMETIDO EM

Junho de 2017

APROVADO EM

Setembro de 2017

1 - INTRODUÇÃO

A morte no mundo indígena das terras baixas sul-americanas é certamente um dos nós no embate sobre a natureza das formações pré-coloniais entre a arqueologia e a antropologia contemporânea. De um lado, a arqueologia tem documentado uma enorme visibilidade dos mortos, levando os pesquisadores que se debruçaram sobre esses contextos a interpretar a monumentalidade associada às estruturas funerárias como índice de maior complexidade sociopolítica no período pré-colonial da Amazônia (Roosevelt 1991; Schaan 2012); de outro lado, a etnologia amazônica marca fortemente o rompimento fundamental entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (Carneiro da Cunha 1978), antagonismo este que impediria, por parte dos vivos, a constituição de conceitos como ancestralidade. Neste caso, o morto seria o outro, o inimigo, cujas referências físicas no mundo dos vivos deveriam ser evitadas.

Do ponto de vista da arqueologia, Barreto (2009) faz a seguinte pergunta: estamos completamente errados na interpretação dos vestígios, quando observamos uma abundância de referências aos mortos e interpretamos em termos de uma ligação profundamente simbólica entre os vivos e seus antepassados, ou a violência da invasão europeia marcou uma ruptura fundamental na relação entre os vivos e os mortos para os grupos indígenas amazônicos?

Mais do que apontar sugestões para resolução do debate, o presente artigo busca, por meio da descrição das estruturas funerárias em uma região específica da Amazônia, a costa leste das Guianas, apresentar algumas práticas relacionadas à morte registradas nos sítios arqueológicos. Tais práticas podem ser encaradas como índice de transformações sociais que os povos ameríndios amazônicos experimentaram no período, fornecendo um caráter histórico para o entendimento dos conceitos de morte e ontologias relacionadas.

Aqui vamos oferecer uma visão de longa duração das estruturas relacionadas à morte, desde meados do milênio anterior à era cristã (1500-1000 anos a.C.), quando a regra geral parece ser o uso de poços simples com inumações únicas acompanhadas por raros e escassos acompanhamentos, até o segundo milênio d.C., em que a manufatura de cerâmicas altamente elaboradas está associada a monumentos de terra, pedra ou madeira. As dimensões sociais e rituais destas evidências arqueológicas serão analisadas no contexto de transformações pelas quais esta região da Amazônia passou desde o início do Formativo até o contato com os europeus.

2 - OS POÇOS DO PERÍODO FORMATIVO INICIAL

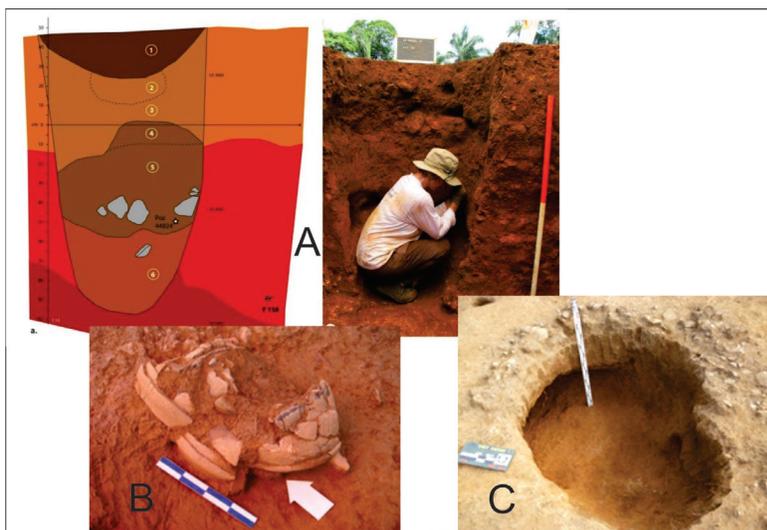
O período Formativo Inicial na Amazônia pode ser caracterizado pela relativa rápida expansão de cerâmicas incisas e modeladas relacionadas com os estilos Barrancóide-Saladóide e Açutuba-Pocó por toda a região (Neves et alli 2014). Ocorrida em torno de 3000 anos A.P., esta expansão, de acordo com diversos pesquisadores (Lathrap 1970; Heckenberger 2008; Neves, Petersen e Lima 2006; entre outros), está relacionada com a diáspora de falantes Arawak, que, juntamente com a língua, trouxeram importantes transformações tecnológicas, econômicas, ideológicas e sociais para a Amazônia. Para Heckenberger (2004), trata-se do “Formativo amazônico”, que estaria ligado diretamente a esta diáspora Arawak, entendida como a expansão de um conjunto de ligações sistemáticas entre “palavras, gestos e ideias, uma estrutura subjacente (precedente) ou sistemas de significado que inflige ações humanas de todo tipo” (Heckenberger 2004: 116).

Os sepultamentos documentados atribuídos a este período são bastante escassos

na Guiana Oriental, com apenas possíveis inumações individuais em poços rasos, onde poucos acompanhamentos funerários foram encontrados.

Alguns casos estão sendo documentados para o complexo cerâmico Ouanary Encoché, atribuído ao período inicial da Fase Aristé (Rostain 1994), cuja ocorrência geográfica situa-se entre a Guiana Francesa oriental e o norte do Amapá. As datas do Ouanary Encoché possibilitam construir uma cronologia firme entre 100 a.C. e 900 d.C., sendo sua cerâmica atribuível estilisticamente à Borda Incisa-Barrancóide (Saldanha 2017; Van Den Bel 2015). Escavações em áreas amplas, em sítios habitação relacionados a esta ocupação, realizadas junto ao rio Oiapoque, na fronteira entre o Amapá e Guiana Francesa, permitiram visualizar de maneira ampla as estruturas arqueológicas relacionadas com uma aldeia delimitada por um fosso, possivelmente de natureza defensiva, relacionada a estas ocupações. No interior da aldeia, pelo menos quatro áreas principais de estruturas contendo concentrações de buracos de poste foram percebidas. Associados a tais concentrações de buracos de poste, interpretadas como casas, foram encontrados poços de abertura circular ou retangular, fundo plano, paredes retas e relação diâmetro-profundidade de 1-2. Tais poços também foram encontrados em resíduos de uma aldeia Ouanary Encoché na ilha de Caiena, na Guiana Francesa, denominado sítio Poncel (Van Den Bel 2015). A estrutura relatada neste último sítio possuía quatro camadas de preenchimento e, no topo, continha diversos fragmentos cerâmicos de grandes dimensões associados a rochas fragmentadas, que parecem ter sido propositadamente colocados (mortos ritualmente?). Apesar de não terem sido encontrados restos ósseos humanos nem possíveis urnas, estes poços possuem formatos sugestivos, lembrando os poços funerários tardios encontrados na região (Goeldi 1905; Cabral e Saldanha 2007). Outra estrutura ligada a vestígios funerários nas aldeias Ouanary Encoché são caches cerâmicos formados por um vaso de contenção enterrados em fossas pequenas, que em alguns casos contêm ossos humanos, ligando este tipo de estrutura com deposições funerárias.

Figura 1



Estruturas funerárias Ouanary Encoché. **A.** perfil e corte de um poço no sítio Poncel (Van Den Bel 2015); **B.** Cache cerâmico no sítio Oiapoque; **C.** Vista de topo de um poço cercado por cerâmicas fragmentadas no sítio Oiapoque.

O sítio Chemin Saint Louis foi escavado por Van Den Bel (2015), tratando-se de um denso sítio de habitação com terra preta contendo três ocupações sucessivas. A mais densa, cujo repertório cerâmico foi associado com a série Saladóide (Van Den Bel 2015), foi datada do Período Cerâmico Inicial, ficando entre 300 a.C e 400 d.C. Na área escavada, as estruturas evidenciadas foram muitos buracos de poste das habitações, associados com poços ovalados contendo deposições de cerâmica inteiras, interpretados como inumações. De acordo com o autor, a posição dos vasilhames encontrados (imbricados, invertidos ou em pé) denotam uma deposição voluntária. Baseado em analogias entre contextos arqueológicos Saladóide e pós-Saladóide das pequenas Antilhas, Van Den Bel ressalta que as formas e dimensões destes poços (entre 75x50 cm) sugerem a deposição primária de um corpo humano, possivelmente envolto em algum recipiente orgânico. A maior parte dos acompanhamentos são de vasilhames utilitários, havendo alguns poucos casos de urnas mais elaboradas, inclusive com pintura policrômica.

Figura 2



Estruturas de poços ovalados do período Saladóide no sítio Chemin Saint Louis (modificado de Van Den Bel 2015)

Em um sítio com datas entre 652 e 768 d.C., junto ao rio Jarí, no sul do Amapá, restos humanos em deposição secundária, tanto no interior de vasilhames quanto em pequenos poços, foram descobertos em contextos domésticos associados com uma cerâmica cujo repertório decorativo é composto quase exclusivamente por motivos hachurados-zonados. Os vasilhames utilizados nas deposições humanas apresentavam formas simples e marcas de uso, tais como fuligem e desgaste por fermentação, o que não deixa dúvida de que eles, antes de servirem como receptáculo funerário, estavam relacionados com atividades cotidianas. Tais deposições funerárias encontravam-se, em sua maioria, agrupadas em até cinco conjuntos, havendo sempre certa correspon-

dência entre alinhamentos de buracos de poste e estes agrupamentos, indicando que os enterramentos estavam relacionados com as casas, possivelmente depositados em seu interior.

Figura 3



Deposições funerárias em sítio no Jarí. Acima alinhamento de urnas, associadas com buracos de poste. Abaixo, ossos humanos no interior de uma urna.

Resumindo, com a evidência disponível, podemos dizer que as estruturas funerárias relacionadas com o Período Cerâmico Inicial nas Guianas eram sepulturas escassas e isoladas, quase sempre relacionadas com contextos domésticos, em habitações a céu aberto.

Quanto aos rituais de sepultamento, parecem ser relacionados com corpos ou restos ósseos depositados em uma cerimônia única, sendo assim estruturas fechadas, que não eram mais abertas para a introdução de novos indivíduos ou marcadas de alguma forma para lembrança.

3 - A MONUMENTALIDADE NO PERÍODO CERÂMICO TARDIO

A partir do ano 1000 d.C., há grandes indicadores de emergência de certa forma de monumentalidade relacionada aos contextos funerários, principalmente em sítios distribuídos junto ao litoral.

Na região entre os rios Calçoene e Cunani, temos arranjos circulares de megalitos em posições horizontais e verticais, delimitando áreas contendo poços funerários. Escavações em conjuntos de megalitos (Cabral e Saldanha 2008) indicam que eles são formados por um palimpsesto de diferentes tipos de eventos ocorridos dentro do recinto megalítico. Esses eventos podem ser assim descritos: diferentes tipos de deposição de cerâmica (ritualmente

mortas, deposição de fragmentos, vasilhas inteiras colocadas aos pés dos monólitos); abertura de poços com câmara lateral de diferentes tamanhos para deposição de urnas funerárias e acompanhamentos e seu fechamento com blocos de rocha; reabertura desses poços e modificações do material no seu interior, juntamente com novas deposições. As datações indicam o uso dessas estruturas entre 1100 e 400 anos A.P.

Figura 4

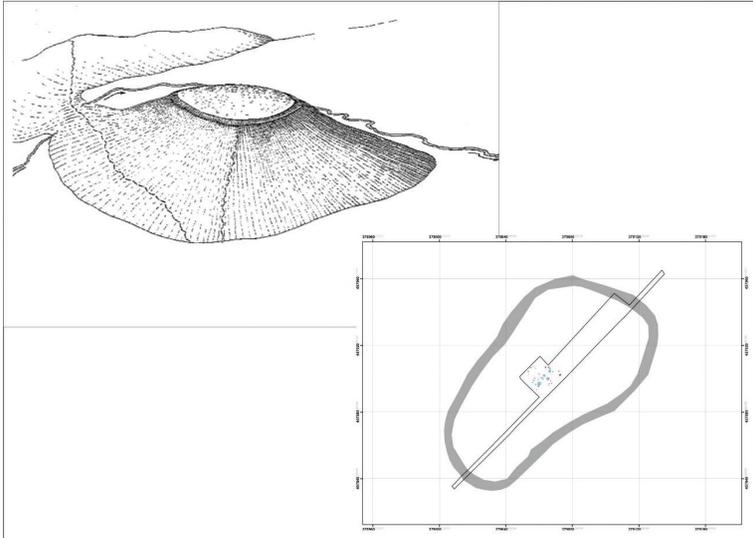


Megalitos e poços funerários da costa atlântica do Amapá

Entre os rios Oiapoque e Approuague, na Guiana Francesa, escavações trouxeram à luz outro contexto monumental: a construção de fossos delimitando topos de colina, circundando poços funerários (Mestre 2015). Apesar das áreas marcadas pelos fossos compreendem cerca de 1ha, os conjuntos funerários estão restritos aos seus centros, não ocupando mais de que 100 m². As escavações permitiram verificar a existência de estruturas com profundidades entre 1,20 e 3 m, constituídas por um poço de acesso vertical e uma câmara contendo as urnas, algumas delas antropomorfas, associadas com grande quantidade de cerâmicas inteiras e fragmentadas como acompanhamentos. As datações obtidas permitiram situar o uso desses monumentos entre 1100 e 500 anos A.P. (Mestre 2015).

Ao sul, junto ao estuário amazônico, a escavação em um sítio mostrou a presença de diversas estruturas funerárias, que tanto podem aparecer em grupos quanto isoladas. Estas estruturas são caracterizadas como poços, onde encontramos muitos artefatos cerâmicos decorados jogados e misturados com muitos carvões e restos ósseos de animais. Após ultrapassar este contexto inicial de deposição, surge um contexto mais estruturado, claramente arranjado, de urnas em associação com ossos humanos. Além disto, circundando os poços, foi localizada uma série de bolsões bastante semelhantes aos que encerram as deposições funerárias. No entanto, no fundo, em vez de sepultamentos, localizamos negativos de esteio bastante significativos no fundo dessas estruturas. A dispersão espacial desses bolsões marcados por esteios parecem marcar e celebrar o espaço funerário do poço, em um contexto semelhante ao megalitismo, mas onde, em vez de

Figura 5



Fortunat Kapiri. Acima, representação artística do sítio delimitado por fosso na paisagem (Mazière 1997).
Abaixo, os limites do fosso (em cinza) e as áreas já escavadas no sítio (modificado de Mestre 2015).

pedras estarem marcando o espaço ritual, troncos erigidos serviram para esse propósito. As datações realizadas, situadas entre 1000 e 350 anos A.P., permitiram verificar a longa duração desses espaços funerários.

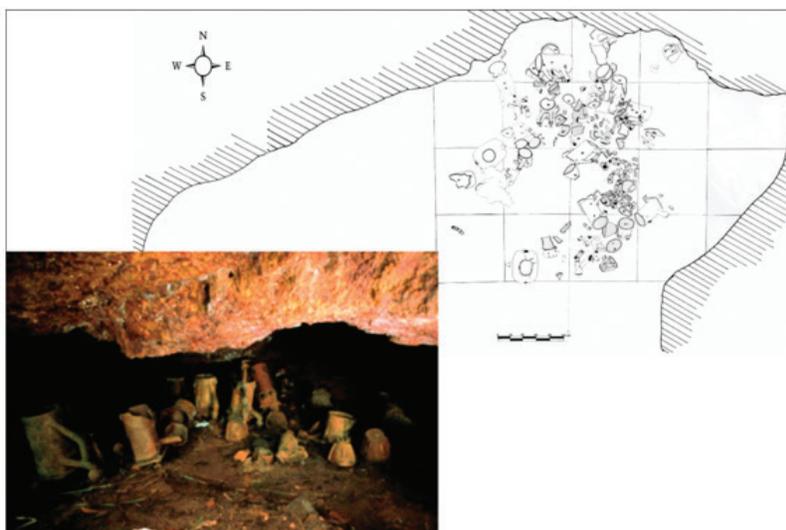
Figura 6



Detalhe de poço funerário, e o mesmo poço cercado por bolsões rituais contendo negativos de poste no seu fundo.

Outro tipo de sítio ritual presente na região são as cavernas ou abrigos com a presença de urnas funerárias. Apesar de não serem estruturas intencionalmente construídas, pelo seu conteúdo e qualidades semelhantes, esses sítios podem ser considerados verdadeiros “monumentos naturais” exaltados pela prática. Pelo menos dois tipos de grutas foram utilizadas para o uso cerimonial: abrigos de granito e cavernas na laterita. Em ambos os casos, os tipos de deposição são as mesmas: vasilhas cerâmicas, às vezes inteiras, às vezes fragmentadas, dispostas contra as paredes dos abrigos. No caso das grutas Maracá, as urnas antropomorfas estão certas vezes dispostas em círculo (Guapindaia 2001). Da mesma forma que os poços funerários, essas grutas mostram diferentes temporalidades no seu uso: enquanto umas estão intactas e sugerem um único evento de deposição, outras são formadas por uma grande deposição de fragmentos de urnas, juntamente com poucas peças inteiras, sugerindo reutilização, com a destruição intencional das urnas antigas e deposição de novas urnas no abrigo. No caso das grutas Maracá, as revisitas a esses sítios podem se dar inclusive para reparo de urnas fragmentadas, como sugerido pelas evidências de remontagem de fragmentos por meio de resinas naturais (Guapindaia 2001). Como os megalitos e poços artificiais, também esses lugares naturais atestam uma prolongada relação com os grupos indígenas que os utilizavam, indicando que as práticas de visitas e revisitas perduraram por longo período e por uma extensa área.

Figura 7



Cemitério Maracá. Planta baixa e vista da distribuição das urnas a partir da entrada da gruta do Jabotí. Imagens gentilmente cedidas por Vera Guapindaia.

4 - CONCLUSÃO: A MORTE VISTA A PARTIR DAS CONTINUIDADES E MUDANÇAS NA GUIANA NO FORMATIVO

No período entre 3500 e 2000 anos A.P., a Guiana é caracterizado por uma homogeneidade regional dos estilos cerâmicos, todos marcados pela presença de incisões, excisões, algumas pinturas e adornos biomorfos. A presença da cerâmica Borda Incisa-Bar-

rancóide mostra grande uniformidade na fase Mabaruma e Ouanary Encoche, mostrando que o período Formativo Inicial se mantém com estilo cerâmico único (tanto na decoração quanto na forma), indicando uma esfera de interação bastante interconectada.

Em torno de 2000 anos A.P., pode-se perceber na região o início de aumento demográfico expressivo, aliado à intensificação da alteração da paisagem na forma de montículos habitacionais, associados a amplas áreas de campos elevados com fins agrícolas e canais escavados para transporte e comunicação. Ao sul, na ilha de Marajó, tem início a construção de um sistema de aterros (*mounds*) habitacionais e funerários, que culminam no sistema de assentamento característico da Fase Marajoara, no entorno do ano 1000 (Roosevelt 1991; Schaan 2004). Nessa época, também há a transição da cerâmica Açutuba para a Manacapuru, quando há expansão demográfica e intensificação da construção de terra preta (Moraes e Neves 2012). Todos esses investimentos em *Landesque capital*¹, representado por trabalhos de terra ao longo da Guiana, indicam certamente o início de um modo de vida bastante sedentário, no qual o investimento substancial de trabalho para desenvolvimento da paisagem indica maior fixação ao seu território, o que não aconteceu no primeiro momento do Formativo da região.

A partir de cerca de 1400 anos A.P., podemos visualizar uma verdadeira explosão de diferentes entidades arqueológicas, caracterizando uma das áreas mais diversas da Amazônia, em que a anterior homogeneidade dos estilos anteriores, associados à cerâmica Borda Incisa-Barrancóide, começa a se desfazer devido à incorporação de novas influências na cultura material. De fato, desde a foz do rio Orinoco até a ilha de Marajó, pelo menos onze estilos cerâmicos, que são total ou parcialmente contemporâneos, foram identificados, todos definidos por meio de cerâmicas altamente decoradas.

Aliado a esse fenômeno de profusão de estilos cerâmicos, podemos perceber também o surgimento efetivo da monumentalidade, principalmente na Guiana Oriental, tais como a construção de *mounds* para além da necessidade de abrigo de enchentes e de estruturas megalíticas e valas circundantes contendo depósitos funerários/rituais em seu interior. Esta monumentalidade está claramente ligada a cultos de ancestrais, na forma de deposição de urnas altamente decoradas sepultadas no interior desses locais. Essa monumentalidade é materializada pela presença de *mounds*, megalitos, fossos, poços e cavernas que encontram-se intimamente ligados.

A diversificação observada, no entanto, parece ser a manifestação de uma ambiguidade: de um lado, a necessidade de se manter no crescente e prestigioso sistema regional de redes de relação pela manutenção de atributos identitários comuns, tais como formas particulares de cultura material e ritual; por outro lado, manter sua especificidade dentro da esfera de interação, o que poderia ter ocasionado, com o tempo, a fragmentação observada nos estilos cerâmicos e a diversificação dos tipos de sítios.

Haveria, assim, uma quebra nos ciclos estabelecidos, acompanhada por esse aumento geral da diversidade cultural. Há monumentos cerimoniais complexos, novos estilos artefatuais, levando a meios mais elaborados de se apresentar identidade. Complexos cerâmicos híbridos são as manifestações mais características, tais como os estilos Pacoval, Camutins, Caviana, Aristé, Mazagão, Koriabo e Thémire. Tradicionalmente, essa maior diversidade tem sido explicada como índice de maior complexidade sociopolítica no período pré-colonial da Amazônia (Roosevelt 1991; Schaan 2004). No entanto, o que pode estar em jogo no período é o desenvolvimento de uma série de intrincadas redes sociais e contextos, levando ao desenvolvimento de histórias de vida mais diversas e di-

1 *Landesque capital* é um conceito utilizado para entender paisagens alteradas pelo homem, com o objetivo de obter retornos em capital econômico, social ou ritual (ver Håkansson e Widgren eds. 2014).

ferenciadas. Uma vez que as comunidades pararam de se constituir por experiências e entendimentos do mundo partilhados, a identidade pessoal teria de ser buscada não mais em filiações grupais mais amplas, mas sim por meio de descendência, com grande necessidade de investimento em realinhar as identidades sociais dos grupos por meio da ligação com o mundo ancestral. O investimento em monumentos funerários é, assim, uma forma de fixar os corpos dos mortos de determinado grupo no passado, transformando-o em um ponto de uma linha de descendência reconhecível.

Desta maneira, uma linguagem, ao mesmo tempo comum e individualizada, começa a surgir na forma de urnas antropomorfas muito elaboradas com fins de sepultamento (e, portanto, na forma não mais de artefatos móveis, mas de artefatos que são fabricados para um encerramento no funeral), em que as diferenças regionais poderiam ser utilizadas para demarcar centros de poder regionais por meio dos diferentes estilos de cerâmica funerária (Barreto 2009). Esses centros regionais se constituiriam pela construção e pelo uso de monumentos cerimoniais e suas relações com o mundo dos ancestrais.

A monumentalidade ritual muda definitivamente o caráter do *landesque capital*: o capital a ser obtido no investimento de força de trabalho não é propriamente derivado do incremento agroecológico, mas de um capital simbólico derivado da ligação dos grupos com os domínios ancestrais. É neste ponto que a constituição social dos grupos da região começa a se dar pela ligação dos indivíduos com o local dos ancestrais, princípio ontológico que Hill e Santos Granero (2002) identificaram como uma das características do *Ethos Arawak*, conforme documentado nas etnografias amazônicas.

No caso do Período Formativo Tardio da Guayana Oriental, a construção de monumentos alterou a percepção dos grupos em relação a seus territórios, enfocando locais específicos para construção de monumentos ou monumentalização de locais naturais por meio de deposições específicas de cerâmicas altamente decoradas, para fins de veneração de ancestrais. Nessas estruturas monumentais, os mortos transformam-se não mais no indivíduo sepultado que deveria ser esquecido pelo grupo, mas em um corpo social representado pela massa de urnas, fragmentos cerâmicos, ossos, rochas e terra que se entrecruzaram em espaços construídos e começaram a atuar como agentes de transformação das paisagens. As atividades de visita e revisita a esses monumentos, às vezes ao longo de centenas de anos, reforçam seu papel na construção e na manutenção das estruturas sociais que organizam estes grupos no período logo antes do impacto causado pela invasão europeia.

- BARRETO, Cristiana. 2009. *Meios místicos de reprodução social: Arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga*. Museu de Arqueologia e Etnologia/ Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. São Paulo, USP: 232.
- CABRAL, Mariana Petry e SALDANHA, João Darcy de Moura. 2008. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. *Revista de Arqueologia SAB* v. 21: 9-26.
- CARNEIRO da CUNHA, Manuela. 1979. *Os mortos são os outros: Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hucitec.
- GOELDI, Emílio. 1905. Excavações Archeologicas em 1895. 1ª parte: As Cavernas funerarias atificiaes dos indios hoje extinctos no rio Cunany (Goanany) e sua ceramica. *Memorias do Museu Goeldi*: 1-45.
- GUAPINDAIA, Vera. 2001. Encountering the Ancestors. The Maraca Urns. In: MCEWAN, BARRETO, Cristiana e NEVES, Eduardo Góes. (Orgs). *Unknown Amazon*. London, British Museum Press: 156-175.
- HAKANSSON, N. T. e WIDGREN, M. (Eds). 2014. *Landesque capital: The historical ecology of enduring landscape modifications*. Walnut Creek, CA, Left Coast Press.
- HECKENBERGER, Michael. 2004. *The ecology of power: Culture, places and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000*. Londres: Routledge.
- HECKENBERGER, Michael. 2004. Amazonian Mosaics: Identity, Interaction, and Integration in the Tropical Forest. In: SILVERMAN, H. e ISBELL, W. (Eds) *Handbook of South American Archaeology*. Urbana, IL, University of Illinois at Urbana-Champaign.
- HILL, Jonathan D. e SANTOS-GRANERO, Fernando (Eds.) 2002. *Comparative arawakan histories. Rethinking language family and culture area in Amazonia*. Urbana/ Chicago, University of Illinois Press.
- LATHRAP, Donald. 1970. *The upper Amazon*. London, Thames & Hudson.
- LIMA, Helena Pinto, NEVES, Eduardo Goes e PETERSEN, James. 2006. A Fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia central. *Arqueología Suramericana* v. 2: 26-52.
- MAZIERE, Guy. (Ed.) 1997. *L'archéologie en Guyane*. Ministère de la Culture - Sous-Direction de L'Archéologie/ Conseil Régional de Guyane/ Edition APPAAG.
- MESTRE, Mickael. 2015. *Fortunat Kapiri: Raport de activities 2015*. Cayenne, INRAP.
- MORAES, Claide de Paula e NEVES, Eduardo Goes. 2012. O Ano 1000: Adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central. *Amazônica* v. 4, n. 1.
- NEVES, Eduardo Goes, LIMA, H. P., VOSTA, B. L. S, GOMES, J. 2014. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: ROSTAIN, Stephen (Org.) *Amazonia: Memorias de Las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazonica*. Quito, IKIAM: 137-158.
- ROOSEVELT, Anna 1991. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on the Marajo Island, Brazil*. San Diego, CA, Academic Press, Inc.
- ROSTAIN, Stephen. 1994. *L'Occupation Amérindienne Ancienne Du Littoral de Guyane*. Tese (Doutorado) Centre de Recherche en Archaeologie Precolombienne (CRAP). Paris, Université de Paris I: 721
- SALDANHA, João Darcy de Moura 2017. *Poços, potes e megalitos: Uma longa história indígena no litoral da Guayana*. Tese (Doutorado) Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- SCHAAN, Denise Paul. 2012. *Sacred Geographies of Ancient Amazonia: Historical ecol-*

ogy of social complexity. Walnut Creek, Left Coast Press.
VAN DEN BEL, Martjin. 2015. *Archaeological investigations between Cayenne Island and the Maroni River. A cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present*. Tese (Doutorado), Leiden, Leiden University.